



Colégio Evangélico Almeida Barros

Data: 20/10/2020

3º ano médio

Profª Ester Paiva

Filosofia

Nesta unidade, você estudará elementos da Lógica informal. Ela é diferente da Lógica formal, que trata de regras estruturais para a constituição de raciocínios, a fim de evitar contradições e conclusões falsas. A Lógica informal aborda as falácias não formais, isto é, raciocínios (ou argumentos) que levam a enganos, por meio da aplicação da linguagem e da influência psicológica exercida sobre os ouvintes.

Você também conhecerá a Lógica da Argumentação, ou Nova Retórica, que estuda o uso da linguagem em situações de desacordo entre pessoas, e o conceito de razão comunicativa, um possível instrumento para a busca de consensos por meio da argumentação intersubjetiva.

Em diferentes situações da vida humana, a linguagem pode ser empregada para esclarecer, mas também para confundir ou enganar as pessoas. Por meio dela, é possível afirmar que algo é verdadeiro ou falso e tentar convencer os outros a acreditar no que está sendo dito. Afinal, as intenções e os interesses que motivam as afirmações de um indivíduo podem variar muito e nem sempre são considerados ou avaliados pelos ouvintes. Uma das consequências disso é a possibilidade de se deixar convencer por algo que não seja verdadeiro. Daí a importância de refletir sobre a linguagem e seus usos.



Para ler e refletir

2 Orientações didáticas.

O texto a seguir, em forma de fábula, possibilita uma reflexão sobre o uso cotidiano das palavras "verdade" e "mentira".

A revolta das palavras: uma fábula moderna

[...] Um dia, elas se cansaram de estar sendo usadas de maneira errada por pessoas sem escrúpulos, que só queriam tirar vantagens para si, sem se importar de causar prejuízo aos outros.

Certa noite, numa hora em que os dicionários não estavam sendo usados, elas fizeram uma reunião.

A reunião foi presidida pelas duas palavras mais prejudicadas pelo mau uso – ou seja, a Verdade e a Mentira.

– Minhas irmãs – disse a Verdade –, nós precisamos tomar providências para acabar com os abusos na maneira como somos usadas. A mim, me usam constantemente as pessoas desonestas quando querem se aproveitar da ingenuidade de gente de boa-fé.

– É isso mesmo – confirmou a Mentira. – Os desonestos também abusam de mim quando chamam de mentiroso alguém que diga algo verdadeiro que possa prejudicá-los. E, embora eu não queira, sou obrigada a servir de disfarce das más intenções deles.

– Para acabar com esses abusos, minhas irmãs – concluiu a Verdade –, só há uma solução. De agora em diante, todas nós devemos nos recusar a ser mal-usadas. Assim, quando alguém quiser dizer ou escrever uma mentira disfarçada de verdade, não conseguirá. Porque, em vez de eu aparecer, mandarei no meu lugar a Mentira.

– E se um desonesto – confirmou a Mentira – quiser chamar uma verdade de mentira, não adianta me chamar que eu não irei. No meu lugar mando a Verdade. Vocês todas, façam isso também, não se deixem explorar.

As outras palavras bateram palmas para a proposta das duas presidentas e juraram, a uma só voz, que cumpririam ao pé da letra o que ficara combinado na reunião. [...]

Falácias

Alguém já o convenceu a acreditar em algo que não era verdadeiro? Você já se deixou influenciar por um discurso belo e comovente, feito por um bom orador, mas isento de compromisso com a verdade de seus argumentos? Se as respostas forem afirmativas, provavelmente você foi persuadido a crer em argumentos falaciosos.

A origem da palavra *falácia* é atribuída ao termo latino *fallere*, que significa engano, trapaça, artimanha, e ao termo grego *sfalo*, que significa resvalar, escorregar.

Conceito

No âmbito da Lógica, as falácias, também denominadas sofismas, são raciocínios elaborados com erros que passam despercebidos e que resultam na persuasão dos ouvintes, sem ter compromisso com a verdade. Quando utilizam a estrutura do silogismo, porém desrespeitando suas regras, esses raciocínios são chamados de falácias formais, pois surgem de imperfeições na maneira de organizar as proposições e seu encadeamento. Por sua vez, as falácias não formais decorrem de vícios de linguagem e estratégias de manipulação emocional, empregados para induzir os interlocutores a certas conclusões.

Observe, a seguir, um exemplo de situação em que uma pessoa argumenta contra a atitude de outra, procurando gerar arrependimento na ouvinte:



Nessa tira, uma das personagens se deixa convencer por outra, com base em um apelo emocional. Quando a argumentação segue esse caminho, torna-se psicológica em vez de lógica. Tal como o argumento da tira, as falácias não formais são argumentos que procuram influenciar psicologicamente os ouvintes. Para isso, utilizam artifícios da linguagem e/ou apelos emocionais. Em geral, seu objetivo é persuadir alguém a aceitar como verdadeiras afirmações que estejam de acordo com as opiniões ou os interesses de quem fala. Para isso, empregam-se vários procedimentos, os quais, por sua vez, determinam a denominação e a classificação das falácias. Observe, a seguir, alguns exemplos.

3 Informações sobre a classificação das falácias não formais.

- **Ad hominem** ou contra o homem

Ocorre quando, em um diálogo, alguém ataca a pessoa do oponente e não os argumentos dele. Por exemplo, em um debate político, após um candidato apresentar seus argumentos de modo convincente, o candidato adversário procura desviar a atenção do público em relação a esses argumentos, partindo para ataques e ofensas pessoais.

- **Ad populum** ou populismo

Trata-se de apelar para a popularidade de uma opinião ou atitude, a fim de convencer os ouvintes a adotá-la também. Atualmente, é comum esse tipo de falácia basear-se em pesquisas para demonstrar que a maioria das pessoas já consume determinado produto ou já decidiu votar em tal candidato. Porém, afirmações como "não fique de fora e participe da promoção..." ou, ainda, "faça como os milhares de eleitores de fulano e vote nele nas próximas eleições" são falaciosas, pois a popularidade não demonstra a validade ou a veracidade de algo, tampouco o valor de alguém.

- **Ad verecundiam** ou apelo à autoridade

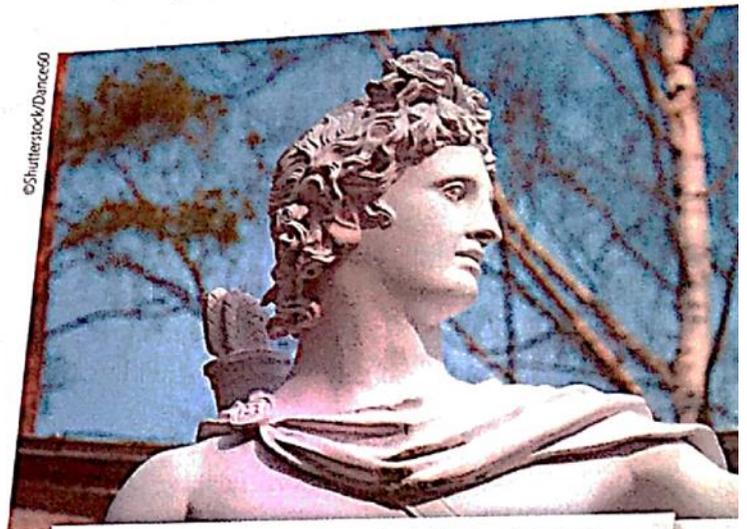
Para convencer, utiliza sentimentos como respeito ou admiração, motivados por aspectos como autoridade, celebridade ou posição hierárquica. Por exemplo, em uma sala de aula, um aluno questiona um posicionamento do professor e este, em vez de defender a tese questionada, responde que tem mestrado, doutorado e, por isso, o aluno deve acreditar nele. Outro exemplo é quando uma afirmação é considerada verdadeira porque foi feita por uma celebridade.

- **Non causa pro causa** ou falsa causa

Apresenta-se quando um acontecimento é justificado por uma causa irreal. A ocorrência desse tipo de falácia é comum no âmbito da superstição. Por exemplo: *Ele bateu o carro (acontecimento) porque, algumas quadras antes, cruzou com um gato preto (causa)*. A falsa causalidade também pode ser percebida quando uma sucessão de fatos é interpretada como cadeia causal. Por exemplo: *Ela curou-se da gripe (acontecimento) após beber chá de chuchu por sete dias (falsa causa, pois o período de duração dos sintomas de uma gripe é estimado em sete dias)*.

- **Anfibologia** ou ambiguidade

Constitui-se por meio de proposições cuja construção linguística é ambígua, ou seja, que podem ser interpretadas de diferentes modos. Observe um exemplo: conta-se que, na Antiguidade grega, Creso, rei da Lídia, pretendia atacar os persas. Antes disso, foi ao templo de Apolo, em Delfos, consultar o oráculo sobre a possibilidade de ter sucesso. Obteve a resposta de que, se realizasse o ataque almejado, um grande império seria destruído. Concluiu que o oráculo estava se referindo ao Império Persa e partiu para a batalha, convicto de que sairia vencedor. Porém, o resultado foi a destruição do seu próprio império.



■ Na Antiguidade grega, o templo dedicado a Apolo, na cidade de Delfos, era visitado por pessoas que desejavam consultar o oráculo desse deus antes de tomar certas decisões. Porém, as respostas obtidas, em tom de profecias, eram, muitas vezes, enigmáticas e marcadas pela ambiguidade.

- **Composição/Divisão**

Ocorre quando há um equívoco na atribuição de qualidades entre o todo e as partes. Na falácia da **composição**, atribui-se indevidamente ao todo algo que é verdadeiro em parte. Por exemplo: *Cláudio mora em Recife e é artista de circo. João mora em Recife e é artista de teatro. Pedro mora em Recife e é artista de rua. Logo, todo recifense é artista*. Na falácia da **divisão**, ocorre o inverso, sendo uma característica do todo atribuída a uma parte, sem a devida análise. Por exemplo: *No estado do Amazonas há muitos indígenas. Pedro mora no Amazonas. Pedro é indígena*.

Atividades

1- No cotidiano, é comum as pessoas argumentarem com base em razões lógicas?

2- É possível e desejável que uma pessoa seja lógica o tempo todo?
